

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1249 - 24/02/2014 a 02/03/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares

PAP 2014/15

UM PLANO DE VOO PARA A AGROPECUÁRIA

RAIO-X

O Retrato da
Ovinocultura

CUBA

O inferno no
Paraíso

CAPIVARAS

O ataque das
roedoras

Aos Leitores



O governo federal tem notórias razões para atender as reivindicações contidas nas Propostas da FAEP, Ocepar e Seab (as principais nesta edição) para o Plano Agrícola e Pecuário e Plano Safra 2014/15. No cenário econômico recheado por déficits, alguns cobertos com extravagantes manobras contábeis como exportar plataformas da Petrobras no papel, porque elas continuam fluando na Bacia de Campos, o agronegócio tem salvado as contas e a Pátria.

Acena-se com a possibilidade de safras recordistas de grãos, apesar das insurgências do clima demonstrando que para dentro das porteiras a coisa funciona, e bem. A logística, porém, continua em pandarecos e o futuro não é nada promissor. Projetos não saem das gavetas, ferrovias anunciadas (cadê a Maracajú-Paranaguá) estão empacadas, encobre-se a privatização de rodovias sob o pseudônimo de “concessões”, nas quais o governo se vangloria que os pedágios serão baixos, mas esconde que muitos quilômetros estão sob a responsabilidade do DNIT, e não das empresas vencedoras das licitações.

De qualquer forma, seria um grande passo a aprovação das Propostas das entidades paraanaenses e que se adote uma verdadeira Política Agrícola neste país. Isso, considere-se, depende de recursos que são anunciados, mas o poder de fogo do Ministério da Agricultura é um traque diante do Ministério da Fazenda, o dono da caneta.

Índice

O Pai da matéria	03
PAP 2014/15	04
Ovinocultura	10
Mapa dos Transgênicos	14
A história de Mateus	16
Cuba	18
Soja mais soja / Copa do Mundo	20
Leite Integral / Americanos	22
Capivaras	24
Compostagem / Conseleite	26
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Divulgação e Arquivo FAEP.

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figue

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

O Pai da matéria

O enfraquecimento da defesa sanitária, segundo seu pontífice



Bastam alguns minutos de conversa para impressionar seu interlocutor pela memória vívida e pela sagacidade de quem conhece como poucos as engrenagens técnicas e políticas que regem a defesa sanitária brasileira.

Nascido no interior de São Paulo, Sebastião Costa Guedes, 68 anos, formou-se médico veterinário pela Universidade de São Paulo (USP) e logo começou a trabalhar na iniciativa privada. Sua estreia profissional foi na gigante farmacêutica norte-americana Merck Sharp & Dohme, onde atuou na área técnica por três anos. Depois foi para a Bayer onde trabalhou mais de 30 anos em diferentes regiões do Brasil e da Alemanha. Nesta companhia foi diretor da divisão de saúde animal no Brasil, depois passou pela diretoria de higiene e saúde pública, chegando à divisão de supply chain (gestão de cadeia logística ou de suprimentos) para a América do Sul. Aposentou-se pela companhia, mas não sossegou.

“Na época eu era vice-presidente do Sindan (Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal) e também já era muito ligado ao Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC), que envolve desde o criador até o fabricante de gelatina”, conta. Junto a estas instituições, ele continuou atuando na defesa da sanidade brasileira. Assumiu logo em seguida a vice-presidência de relações internacionais do CNPC, “Eles me convidaram, na época o Brasil tinha uma postura mais agressiva no mercado

internacional de carnes, isto foi por volta de 2001. Naquela época eu também já era diretor em Bruxelas do International Federation for Animal Health”, lembra referindo-se ao órgão mundial da indústria de insumos veterinários e saúde animal. Entre 1998 e 2012 Guedes representou as américas Central e do Sul junto a esta entidade.

Também foi presidente do Grupo Interamericano para Erradicação da Febre Aftosa na América do Sul, criado após uma conferência mundial sobre a doença realizada em Huston (EUA) em 2004. Hoje, Sebastião também é diretor de Sanidade Animal do CNPC.

Com estas credenciais, ele consegue avaliar com clareza o cenário da situação da defesa sanitária brasileira. “No passado, a defesa sanitária foi adequada ao tamanho da economia agropecuária”, segundo ele, a partir de 1985 esses serviços começaram a ser reorganizadas e teve seu ápice com a estabilização da economia advinda do Plano Real. “De 1998 a 2002 o ministério da Agricultura expandiu, fez concurso, mas de uns três anos para cá a situação piorou muito”, afirma, referindo-se a corte de verbas e de funcionários de quadros estratégicos que não foram repostos. “A consequência é a volta de doenças consideradas erradicadas”, aponta. Segundo ele, esse quadro fragiliza a defesa sanitária brasileira. “Vejo com extrema preocupação o enfraquecimento dessa estrutura em alguns Estados, principalmente no centro-oeste e no norte, nas fronteiras”, alerta.

100 propostas para o PAP 2014/15

Os eixos para o Plano Agrícola e Pecuário e Plano Safra



A FAEP, Ocepar e Seab apresentam neste dia 25 as propostas de políticas agrícolas ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) num encontro com a presença do secretário de Política Agrícola do Mapa, Neri Geller. O objetivo é colaborar na elaboração do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e Plano Safra para o período de 2014/15. A apresentação será feita pelo secretário de Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara.

Num quadro econômico recheado por notícias ruins sobre as atividades no ano passado e sobre as perspectivas deste 2014, a salvação da pátria tem sido a agropecuária. Quase ¼ do PIB, pelo menos dos empregos nos país e 41% da balança comercial brasileira dependem desse setor. O Paraná deve produzir na safra 2013/14 35,8 milhões de toneladas de grãos, segundo a Seab/Conab.

Assim, a política agrícola é fundamental para apoiar a atividade, mediante investimentos com programas adequados

de crédito rural, dando suporte à comercialização dos produtos agrícolas com os mecanismos da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM). Ou atuando na mitigação dos riscos com o Programa de Seguro Rural (PSR), além de políticas de longo prazo que são necessárias.

O documento, chamado “Propostas para o Plano Agrícola e Pecuário e Plano Safra 2014/15”, é composto pelas sugestões e necessidades de produtores rurais, sindicatos, cooperativas e entidades do setor agropecuário e foi coordenado pelas três instituições. São mais de 100 proposições que estão disponíveis no site do Sistema FAEP (www.sistemafaep.org.br) no ícone “Serviços”, a partir do dia 25/02. Esse documento não tem o intuito de esgotar as demandas do setor agropecuário, mas visam contribuir para construção e consolidação da política agrícola. Nas páginas seguintes as 55 principais propostas do documento.

1. CRÉDITO RURAL

1.1 Volume de Recursos e Taxa de Juros

Para definir o volume de recursos para a safra 2014/15 é necessário considerar os seguintes fatores: elevação dos custos de produção (fertilizantes, sementes, mão de obra, combustíveis, transporte e defensivos agrícolas); necessidade de expansão da área cultivada com o uso mais intensivo de tecnologias de produção e aumento do limite de crédito por beneficiário.

Propostas:

- a) Aumentar o volume de recursos para R\$ 200 bilhões para o financiamento de custeio, comercialização e investimento na safra 2014/15, destinando R\$ 30 bilhões à Agricultura Familiar e R\$ 170 bilhões à Agricultura Empresarial, considerando a elevação dos custos variáveis e operacionais e a expansão da área.
- b) Reduzir em 0,5 ponto percentual a taxa de juros para as operações de custeio e investimentos para os recursos controlados de crédito rural na safra 2014/15.

1.2 Linhas de Crédito para Investimento

1.2.1 Programa de Sustentação do Investimento – Subprograma Rural (PSI-BK)

Propostas:

- a) Ampliar a disponibilidade de recursos para modalidade rural para R\$ 25 bilhões e reduzir a taxa de juros para 3,5% ao ano.
- b) Editar normativa inserindo o PSI Subprograma Rural como um programa permanente de investimento.

1.2.2 Programa de Modernização da Agricultura e Conservação de Recursos Naturais (Moderagro)

Propostas:

- a) Incluir como itens financiáveis as benfeitorias e equipamentos para instalação e modernização de unidades de produção de leitões (UPL), matrizeiros de recria de aves destinados à produção de ovos férteis e matrizeiros de produção de ovos férteis com o objetivo de fomentar a avicultura e suinocultura conforme as condições abaixo:
 - I. Estabelecer limite de investimento de R\$ 9 milhões para matrizeiros de recria de ovos férteis e de R\$ 1,3 milhão para matrizeiros de produção de ovos férteis.
 - II. Estabelecer limite de investimento de R\$ 5 milhões para UPL's e de R\$ 2,5 milhões para crechários.
- b) Financiar a construção de moradia para produtores e empregados domiciliados na propriedade e vinculados às atividades agropecuárias.

1.2.3 Programa ABC

Propostas:

- a) Incluir como itens financiáveis no Programa ABC:
 - I - As operações necessárias referentes ao Cadastro Ambiental Rural (CAR) e a regularização da propriedade com o Programa de Regularização Ambiental (PRA), tais como, a aquisição de mudas, o custo com a contratação de técnicos e os serviços de georreferenciamento.
 - II - A implantação de sistemas de tratamento de efluentes pelas agroindústrias.
- b) Reduzir a taxa de juros de 5,0% para 3,5% ao ano.





1.2.4 Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA)

Propostas:

- Criar no âmbito do médio produtor rural o programa PCA– Pronamp, com taxa de juros de 2,5% e prazo de pagamento de 18 anos com 3 anos de carência.
- No PCA, alongar o prazo de 15 para 18 anos nos financiamentos destinados a investimentos à modernização e utilização de novas tecnologias nas unidades existentes.

1.2.5 Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota)

Propostas:

- Reduzir as taxas de juros do programa de 5,5% para 5% ao ano para demais produtores e para os produtores enquadrados no Pronamp de 4,5% para 4,0% ao ano.
- Aumentar o prazo de pagamento de quatro para até seis anos no caso de tratores, plantadeiras e colheitadeiras usadas.

1.2.6 Programa de Apoio à Renovação e Implantação de Novos Canaviais (ProRenova)

Propostas:

- Ampliar o prazo de vigência dos programas ProRenova Rural e ProRenova Industrial permitindo o financiamento de projetos implantados entre 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2014.
- Elevar o limite do financiamento por hectare dos atuais R\$ 5.450,00 para R\$ 5.800,00 considerando a elevação dos custos de produção em 2014.
- Reduzir a taxa de juros de 5,5% para 5% ao ano.

1.3 Linhas de crédito para custeio

1.3.1 Custeio agrícola

Propostas:

- Reduzir as taxas de juros do crédito rural de custeio de 5,5% para 5,0% ao ano.
- Aumentar o limite de R\$ 1 milhão para R\$ 1,2 milhão por beneficiário.
- Conceder o limite adicional de crédito para a cultura do milho no valor de R\$ 1,2 milhão.
- Isentar a taxa de IOF (0,38%) sobre as operações de crédito rural, adiantamentos para o produtor rural e operações de hedge.
- Possibilitar o financiamento de milho para silagem, bem como, o seu enquadramento no Proagro.
- Conceder limite de crédito adicional para aquisição de matrizes bovinas e bubalinas no valor de R\$ 1,0 milhão por beneficiário, tornando-o permanente.
- Elevar os limites de crédito para avicultores integrados para R\$ 150 mil e para R\$ 300 mil quando for desenvolvida mais de uma atividade integrada.
- Elevar o limite de crédito para suinocultores para R\$ 250 mil.
- Permitir limite adicional de crédito, ao previsto no MCR 3-2-5, para custeio pecuário com limite de até R\$ 800 mil por beneficiário e aumentar o prazo dos custeios pecuários de 1 para 2 anos. Para o financiamento da compra de matrizes aumentar o prazo de 1 para 3 anos.

1.3.2 Acesso aos financiamentos e crédito rotativo

Propostas:

- Aumentar o limite de crédito sob a modalidade de crédito rotativo no Pronamp passando de R\$ 80 para R\$ 200 mil por beneficiário em cada safra.
- Estender a modalidade de crédito rotativo para os demais produtores com limite de R\$ 200 mil por beneficiário em cada safra.

2. APOIO A COMERCIALIZAÇÃO

2.1 Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM)

Propostas:

- a) Reajustar em 20% o preço mínimo do milho, que atualmente está em R\$ 17,67/saca de 60 kg, considerando o custo de produção calculado pela Conab em R\$ 21,11 por saca.
- b) Reajustar o preço mínimo do feijão cores para R\$ 105,00 por saca de acordo com o custo de produção calculado pela Conab em R\$ 104,77 por saca.
- c) Assegurar recursos de, no mínimo, R\$ 8 bilhões para apoiar a comercialização da safra brasileira.
- d) Garantir de forma antecipada os preços mínimos, mediante o lançamento de Contratos de Opção de Venda pela Conab, direcionados aos produtores, no período de pré-plantio e plantio das lavouras.
- e) Reajustar o preço mínimo do café tipo 6 bebida dura para R\$ 350,00 por saca de 60 Kg conforme o custo de produção calculado pela Conab.
- f) Criar preço mínimo definitivo para suínos e permitir Financiamento de Estocagem de Produtos Agropecuários Integrantes da PGPM (FEPM).
- g) Criar preço mínimo definitivo para laranja, uva e cana-de-açúcar, incluindo o Estado do Paraná.



3. GESTÃO DE RISCO RURAL

3.1 Programa de Subvenção ao Prêmio de Contratos de Opção (PSR)

Proposta:

- a) Criar o programa de subvenção ao prêmio de contratos de opção atrelados aos financiamentos de custeio.

3.2 Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural

Propostas:

- a) Divulgar e garantir no PAP 2014/15, R\$1,2 bilhão para o PSR com um cronograma de liberação de recursos considerando o calendário agrícola, ou seja, a contratação do seguro rural deve ser ofertada com subvenção do PSR no período em que o produtor está comprando os insumos.
- b) Adotar o sistema de liberação de recursos do PSR de acordo com a demanda, sem o estabelecimento de cotas entre as seguradoras.
- c) Prorrogar a obrigatoriedade da contratação do Proagro ou Seguro Rural nas operações de custeio agrícola com recursos controlados a partir de 1º de julho de 2014, conforme a resolução nº 4.235/2013 do Conselho Monetário Nacional até que haja recursos financeiros compatíveis com a demanda nacional para atender essas operações.
- d) Alocar, organizar e capacitar os recursos humanos do Mapa. Há enorme limitação na estrutura organizacional do Departamento de Gestão de Risco Rural (DEGER/SPA), em desacordo com a necessidade atual do PSR e importância das políticas de gestão de risco.
- e) Regularizar o Fundo de Catástrofe, Lei Complementar 137/10.

3.3 Proagro

Propostas:

- a) Alterar o MCR 16-5-21 a 16-5-26 prevalecendo a seguinte regra a partir da safra 2014/15. Retornar, para os produtores que não tiveram deferimento do pedido de cobertura na última safra, a cobertura inicial de Proagro ao percentual de 100%.
- b) No MCR 16-5-13 sugere-se a seguinte redação: Valor das receitas e das perdas não amparadas para fins de dedução da base de cálculo de cobertura deve ser aferido pelo agente na data da decisão do pedido de cobertura em primeira instância com base em:
 - I) Preço indicado na primeira via NF representativa da venda, se apresentada até a data da decisão do pedido de cobertura pelo agente em primeira instância, para parcela comercializada, e; II) Parcela não comercializada com base nos preços de mercado na



data da decisão do pedido de cobertura pelo agente em primeira instância.

c) Alterar no MCR 16-1-9: para as situações de empreendimentos familiares com DAP conjunta admitir como comprovante a primeira via da nota fiscal, o documento auxiliar da nota fiscal eletrônica (DANFE) ou o cupom fiscal emitidos na forma da legislação em vigor, nominal ao beneficiário, em nome de um dos cônjuges, ou cópia autenticada pelo agente do Proagro ou em cartório, ou declaração emitida por órgão público responsável pelo fornecimento de insumos ao beneficiário, com a especificação do tipo, denominação e quantidade dos insumos fornecidos.

d) Dar celeridade à análise de processos do Proagro, melhorando a estrutura da Comissão Especial de Recursos (CER/Proagro), a qual não está conseguindo julgar os processos com a dinâmica necessária.

e) Incluir tromba d'água na cobertura como evento amparado pelo Proagro.

4. MEDIDAS SETORIAIS

4.1 Programa de Apoio à Olericultura

A horticultura é uma importante atividade agrícola podendo ser desenvolvida em pequenas áreas, como alternativa de diversificação e de retorno rápido de renda ao produtor rural.

Atualmente as condições de crédito, voltadas para grandes culturas, não atendem as particularidades da horticultura. Quando ocorre a perda de produção em apenas um ciclo, atualmente o produtor não recebe a indenização do Proagro por causa da contratação de

crédito para um ano e para uma cultura específica. A contratação por ciclo produtivo também não resolve o problema, pois se torna onerosa, com a necessidade de elaboração de projeto e liberação de crédito a cada ciclo produtivo de 90 a 120 dias.

Propostas:

a) Para olerícolas com ciclo produtivo de até 120 dias, que contratam custeio com adesão ao Proagro:

I - Unificar no Banco Central as culturas como olerícolas de ciclo até 120 dias de produção durante todo o ano (esta medida permitirá que o horticultor compre insumos para o ano e possa plantar culturas diferentes para um mesmo financiamento, fazendo rotação de cultura).

II- Permitir liberação de crédito de custeio em uma única parcela referente à área total a ser plantada na safra, escalonando os pagamentos para o final de cada ciclo produtivo. A amortização de cada ciclo produtivo fica atrelada a operações independentes de Proagro. Esta medida permitirá amortizações mais frequentes e principalmente o recebimento de Proagro por ciclo produtivo, quando houver perda de produção em uma cultura ou ciclo específico.

4.2 Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé)

A cafeicultura é importante atividade econômica e conseqüentemente políticas públicas de incentivo desta atividade se tornam necessárias. Outra característica desta cultura deve-se ao fato da produção ser predominantemente em pequenas propriedades geradoras de emprego e renda.

Propostas:

- a) Criar a modalidade de custeio alongado de dois anos visando amparar produtores que realizam tratos culturais nos anos de safra bianual baixa.
- b) Reduzir as taxas 5,5% para 4,0% ao ano para produtores com renda bruta de até R\$ 1,0 milhão.
- c) Disponibilizar R\$ 3,0 bilhões para operações de estocagem (MCR 9-8-1).
- d) Financiar a renovação e mecanização das lavouras cafeeiras pelo programa ABC.
- e) Revisar o Proagro, criando a modalidade de Proagro para café com vigência de coberturas para dois anos.

5. APOIO AO MÉDIO PRODUTOR**5.1 Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp)****Propostas:**

- a) Criar no âmbito do Pronamp, mecanismo de suporte semelhante ao PGPAF, concedendo bônus de desconto aos mutuários de operações de crédito de custeio e investimento agropecuário contratadas no âmbito do Pronamp, sempre que o preço de comercialização do produto financiado estiver abaixo do preço de garantia vigente, no âmbito dos produtos amparados pela Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM).
- b) Criar fundo de aval com o objetivo de reduzir a exigência de garantias reais nos financiamentos.

PROPOSTAS AO PLANO SAFRA 2014/15**1. PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR (PRONAF)****Propostas:**

- a) Aumentar em 20% o limite máximo das linhas de financiamento no âmbito do Pronaf.
- b) Estender o prazo de reembolso do financiamento de investimentos (Pronaf Mais Alimentos) para todas as culturas de 10 para até 12 anos. E para o financiamento de armazéns, ampliar o prazo de 15 para 18 anos.
- c) No caso de projetos do Pronaf Mais Alimentos relacionados à avicultura, suinocultura e bovinocultura de leite, ampliar o limite de crédito de investimento de R\$ 300 para R\$ 400 mil por tomador – pois projetos da pecuária demandam maiores montantes de investimentos, mesmo quando desenvolvidos no âmbito da pequena propriedade rural.
- d) Criar um fundo de aval para facilitar o acesso ao crédito de produtores que tiveram animais sacrificados no âmbito do PNCEBT.
- e) Permitir o financiamento ao amparo da linha Pronaf Mais Alimentos de veículos utilitários, com dupla aptidão, até 120 CV de potência.



O be-a-bá do BÉÉÉÉÉÉÉ

Como produzir carne de ovinos e ganhar dinheiro num mercado promissor

Por Hemely Cardoso



Por muito tempo a produção de ovinos no Brasil foi conhecida pelos quatro “Ps”: padre, político, polícia e parente. Isto é, a cadeia produtiva não era profissionalizada e não tinha finalidades comerciais. Os animais eram criados soltos pelo pasto e quando alcançavam uma idade bem avançada (classificada como “ovélha”) serviam como uma forma de agradar alguém especialmente nas festas de final de ano. Porém, no decorrer dos anos, a ovinocultura tomou um rumo diferente por aqui e pode ser uma boa alternativa para diversificar as atividades e agregar renda na propriedade.

Diante desse novo cenário, produtores da região Centro-Sul participaram da 2ª Ovinotec em Guarapuava no mês de setembro do ano passado. Organizado pela Cooperativa Agroindustrial Aliança de Carnes Nobres Vale do Jordão (Cooperaliança), o encontro teve como objetivo discutir os elos da cadeia produtiva e o jeito certo na hora de criar o animal. “O consumo de carne ovina está caindo no gosto do brasileiro e hoje está faltando produto no mercado. O produtor

deve utilizar tecnologia, treinar mão de obra, fazer um planejamento forrageiro e se aliar a uma fonte que ajude na comercialização para trabalhar na atividade. Não adianta produzir na informalidade porque o consumidor quer uma carne de qualidade, com a segurança no abate dos animais”, avalia o zootecnista Alexandre Bombardelli de Melo, um dos palestrantes do evento.

Como planejar

Para quem pretende investir na atividade, Alexandre diz que o primeiro passo é cuidar da pastagem. “O protocolo de manejo da pastagem a ser implantado na propriedade é o primeiro ponto a ser analisado. A pastagem deve ser priorizada e quando bem manejada garante uma dieta balanceada. Investir na reforma das áreas para maior qualidade e produtividade do volumoso influencia diretamente

na taxa de lotação e produtividade por área”, observa.

Quando o assunto é plantel, o ideal é começar com 100 animais e com o objetivo de expandir o rebanho anualmente para que se tenha um retorno financeiro. “Nós fizemos as contas e com 350 cabeças já dá para tirar uma rentabilidade interessante. O ideal é trabalhar com 15 cabeças por hectare durante o ano todo. Mas se o produtor investir no pasto, com certeza esse número vai aumentar”, comenta.

Gargalos

Segundo ele, diferente do que ocorre em outros setores, como na avicultura e suinocultura, por exemplo, a ovinocultura não cresce no país justamente pela falta de organização na cadeia produtiva. Outro entrave é o abate clandestino, sem segurança em relação à qualidade da carne.

Raio-x da ovinocultura

- Retorno financeiro alto em comparação com a pecuária. Um exemplo disso é o custo de manutenção de 10 ovelhas no mesmo espaço onde é criada uma vaca é bem menor, daí a explicação para o fato de muitos pecuaristas estarem migrando de atividade. Estudos apontam que um boi precisa de um hectare de capim para se alimentar durante um ano e atingir entre 200 a 250 Kg, neste mesmo espaço, 60 ovinos podem pastar e produzir até 900 Kg de carne;
- Hoje a demanda não acompanha o tamanho da produção. É o que ocorre na Cooperaliança, que abate 70 cordeiros por mês, porém a demanda é de 350 animais por mês;
- O consumo de carne ovina no Brasil no ano de 2012 foi de aproximadamente 89 mil toneladas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desse total, apenas 6,5 mil toneladas foram importadas, sendo 93% do Uruguai, 3,8% da Argentina, 2,8% do Chile, 0,3% da Nova Zelândia e 0,1% da Austrália. Os dados indicam que as importações de carne ovina são importantes, mas que representam apenas 7% da carne ovina consumida no país;
- Enquanto o consumo de carne bovina atinge 37,4 quilos per capita, a de ovinos é de 0,40 quilos per capita;
- O rebanho ovino brasileiro soma 17,6 milhões de cabeças e no Paraná o plantel é de 643 mil animais. O Rio Grande do Sul concentra o maior rebanho do Brasil, com 4 milhões;
- O cordeiro é abatido entre 90 e 150 dias, com um peso entre 35 kg e 40 kg. A carcaça pesa em média de 16 a 18 kg. Hoje a carne está sendo comercializada a um preço de R\$ 11,70 com 5% de bonificação na Cooperaliança.

- A gestação da ovelha dura cinco meses e se você cuidar bem do cordeiro, ele estará pronto para o abate em quatro meses (depende da estação do ano);
- Uma ovelha pode percorrer até 10 quilômetros por dia.

Prática

Há 10 anos a produtora Vânia Elisabeth Cherem Fabrício de Melo, de Curitiba, trabalha com ovinocultura na propriedade de 1.100 hectares em Candói (320 km da capital). No início o plantel era de 50 cabeças, hoje soma 632 matrizes. O rebanho divide a área com a boiada de genética Brangus. Ela começou trabalhando apenas com a raça Ile de France, mas após participar de um simpósio em São Paulo passou a fazer o cruzamento entre a fêmea da raça francesa e o macho da raça holandesa Texel.

No ano passado passou a fazer o tricross – cruzamento de três raças – entre Texel, Ile de France e Hampshire Down. Os primeiros borregos nasceram em maio do mesmo período. Segundo ela, a combinação das raças é o casamento perfeito. “O Hampshire dá o acabamento, a marmorização da carne. As Iles têm um ciclo precoce, além de ser muito amorosa como mãe e produzir mais leite na comparação com outras raças. O Texel é rústico, tem uma carcaça maior. O que falta em uma raça, a outra compensa”, explica.

O foco da atividade é na produção de carne e ela entrega, em média, entre 20 e 30 cordeiros (animais com uma média de 120 dias) por mês à Cooperaliança. Durante o verão, Vânia conta que nas pastagens com capim aruana, mantém uma média de 15 animais por hectare. “Tudo depende do tipo do pasto e a estação do ano, se estamos no inverno ou verão, por exemplo”, complementa.

A maior dificuldade no manejo dos ovinos, segundo ela, é controlar a incidência de verminoses. Por isso, entre 20 e 25 dias, realiza o método famacha – um exame realizado na mucosa que identifica se o animal precisa ou não de vermífugo.

Para Vânia, a ovinocultura vale a pena e quando o assunto é o jeito certo de produzir, ela dá a receita: “Pasto, pasto e pasto. A nutrição é a base de qualquer produção animal. Não adianta comprar um plantel de ovelhas se eu não tenho como alimentá-las. Um ovelha bem nutrida significa aproveitar o potencial dela como mãe que consequentemente irá produzir cordeiros melhores”.

Cordeiro, borrego, carneiro e ovelha? Você sabe qual é a diferença?

Na verdade, trata-se do mesmo animal, porém em idades diferentes. Um problema muito comum na cadeia produtiva é a falta de diferenciação entre a carne de cordeiro e a carne de carneiro, por exemplo. Os consumidores não costumam exigir essa especificação quando compram a carne, justamente por não saberem que há uma grande diferença.

De acordo com a idade, a carne apresenta características diferentes e, por isso, tem algumas classificações. O mais novo e apreciado é o cordeiro, que tem até sete meses de idade, independentemente do sexo. A carne é de textura lisa e sua coloração é rosada. A seguir, vem o borrego ou borrega, entre sete e 15 meses. A carne ainda é macia, mas a cor já é mais forte, avermelhada. A terceira classificação é o capão. Trata-se do macho com mais de 15 meses, castrado ainda quando cordeiro. A coloração da carne é vermelha intensa.

As duas outras classes são a ovelha - fêmea adulta com idade acima de 15 meses – e o carneiro – macho adulto, não castrado, com idade superior a dois anos. A carne já não é mais tão atraente porque é mais dura, apresenta uma gordura amarelada e o sabor é mais acentuado. As carnes de ovelhas e carneiros são mais utilizadas para o preparo de embutidos.

Vale lembrar: o cabrito é da família dos caprinos e de idade equivalente ao dos cordeiros, porém sua carne é mais magra e com sabor característico da espécie.



Faturamento

O médico veterinário Celso Doliveira, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, fez as contas e calculou uma estimativa de faturamento em estágios: baixa, média e alta tecnologia, conforme tabela abaixo. “Uma forma de se evoluir gradativamente com viabilidade econômica, seria a cada nova tecnologia adotada na propriedade, analisar criteriosamente sua viabilidade econômica. Os cursos do SENAR-PR, como o Empreendedor Rural e Gestão Rural, por exemplo, ensinam o produtor rural a fazer esses cálculos, fundamentais no planejamento da atividade”, avalia Celso.

	Baixa Tecnologia	Média Tecnologia	Alta Tecnologia
Nº de Ovelhas (matrizes)	200	200	200
Taxa de fertilidade	70%	80%	90%
Taxa de natalidade	112%	144%	180%
Ovelhas lactantes	140	160	180
Taxa de partos gemelares	50%	60%	70%
Número de cordeiros nascidos	224	288	360
Taxa de mortalidade de cordeiros	10%	7%	3%
Número de cordeiros desmamados	202	268	349
Número de cordeiros	101	134	175
Número de cordeiras	101	134	175
Taxa de reposição do Plantel	10%	12%	15%
Cordeiras para incorporar no plantel	20	24	30
Borregas para reprodução	81	110	145
Borregos para abate	101	134	175
Ovelhas de descarte para reprodução	40	40	40

Peso de carcaça de cordeiros (kg) aos 150 dias	15	18	20
Preço Médio no ano R\$/kg	R\$ 11,00	R\$ 11,50	R\$ 12,00
Preço das borregas para reprodução	R\$ 300,00	R\$ 330,00	R\$ 360,00
Preço das ovelhas para reprodução	R\$ 250,00	R\$ 300,00	R\$ 350,00
Faturamento venda para abate	R\$ 16.632,00	R\$ 27.721,44	R\$ 41.904,00
Faturamento de venda animais reprodução	R\$ 34.240,00	R\$ 48.273,60	R\$ 66.056,00
Total do Faturamento Anual	R\$ 50.872,00	R\$ 75.995,04	R\$ 107.960,00

Entenda mais:

	Baixa Tecnologia:	Média Tecnologia	Alta Tecnologia
Sistema Produtivo	Extensivo	Semi - Extensivo	Semi-extensivo e intensivo
Pastagens	Extensas áreas de pastagens nativas em pastejo contínuo.	Pastagens cultivadas perene verão e anual de inverno e uso do pastejo rotacionado.	Pastagens cultivadas de verão e de inverno com adubação nitrogenada, consorciadas com leguminosas e uso do pastejo rotacionado e diferido.
Alimentação	Sem suplementação com outros volumosos ou concentrados.	Suplementação com silagem e/ou feno. Utilizam concentrados apenas para cordeiros - creep-feeding.	Suplementação com silagem e/ou feno. Utilização de concentrados proteicos para cordeiros (creep-feeding) e fêmeas em lactação.
Instalações	Aproveitamento de mangueira dos bovinos para manejo, sem aprisco ou curral de manejo próprio.	Presença de aprisco e curral de manejo próprio e cerca elétrica.	Presença de aprisco, confinamento de cordeiros, curral de manejo próprio e cercas elétricas.
Reprodução	Apenas um período de monta durante a estação reprodutiva, com reprodutores soltos com as fêmeas durante todo o período de monta.	Dois ou três períodos de monta durante a estação reprodutiva. Monta controlada com uso de rufiões, identificação dos animais e escrituração zootécnica.	Uso de três ou quatro estações de monta durante o ano, sincronização de cio, flushing, efeito macho, inseminação artificial, diagnóstico de gestação, identificação dos animais e escrituração zootécnica.
Genética	Fêmeas de cruzamentos mistos (lã e carne) e reprodutores pesados, porém sem caracterização racial.	Uso de fêmeas cruzadas com raças de carne e machos puros por cruza de raças de carne.	Uso de fêmeas cruzadas com raças de carne e machos puros de raças de carne.
Sanidade:	Manejo sanitário conforme a demanda combate a verminose após surgimento de casos clínicos, sem calendário de vacinas específico e sem assistência técnica.	Assistência técnica esporádica possui calendário de vacinas, manejo de verminose tradicional.	Assistência técnica permanente possui calendário de vacinas, manejo de verminose com apoio laboratorial.

Brasil é o segundo país em transgênicos

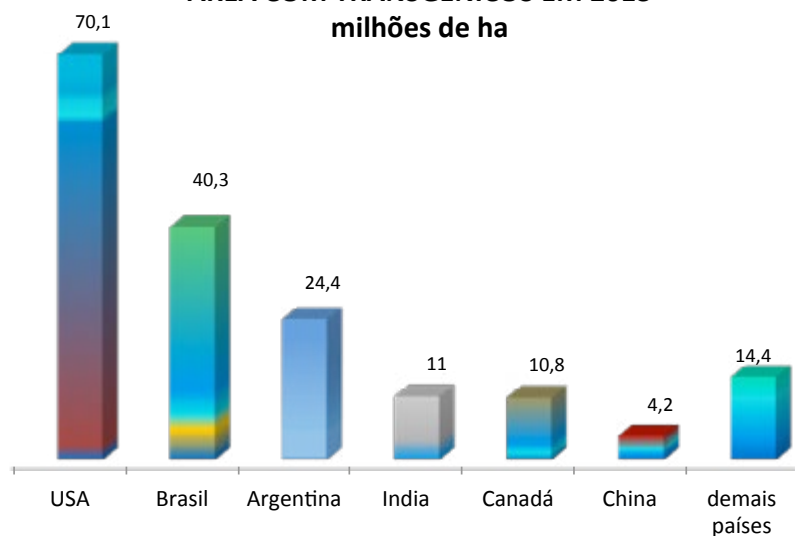
Cultivo de em crescimento e a soja lidera disparada

Por Sílvia Maria Digiovani, engenheira agrônoma do DTE/FAEP



O ano de 2013 representou o 18º ano consecutivo de plantio comercial de culturas geneticamente modificadas, ou transgênicas. Nesse período a área global cultivada com variedades transgênicas aumentou mais de 100 vezes. Publicação recente do Serviço internacional para a aquisição de aplicações em Agrobiotecnologia (ISAAA) divulgou a área ocupada por culturas transgênicas no mundo em 2013: foram 175 milhões de hectares, dos quais 160 milhões concentrados em seis países, conforme gráfico a seguir

ÁREA COM TRANSGÊNICOS EM 2013
milhões de ha



fonte: CIB/ISAAA

No total são 18 milhões de produtores, a maioria pequenos e pobres, plantando transgênicos em 27 países. Os países em desenvolvimento lideraram a área plantada com transgênicos, somando 53,77% da área total ou 94,1 milhões de ha, concentrados em 19 países. A maior área está no Brasil, país que aumentou sua área mais que qualquer outro: em 2013 foram 3,7 milhões de ha a mais que a área de 2012. Pelo 5º ano consecutivo o Brasil tem apresentado um aumento de 10% ao ano na área cultivada com transgênicos.

Os países desenvolvidos concentraram 46,23% das lavouras transgênicas em 2013, ou 81,1 milhões de ha, liderados pelos Estados Unidos. Dentre as culturas transgênicas, a soja continua ocupando a maior área: foram 84,5 milhões de ha, 79% da área mundial implantada com a cultura. O milho transgênico vem na 2ª posição entre os transgênicos mais plantados: 57,4 milhões de ha, 32% da área global plantada com milho.

Em terceiro lugar está o algodão, com 23,9 milhões de ha de lavouras (70% da área total de algodão) e em quarto está a canola, com 8,2 milhões de ha com variedades transgênicas (24% da área total de canola no mundo).

Benefícios

Pelos cálculos mostrados no documento do ISAAA são muitos os benefícios que o cultivo de lavouras transgênicas vem trazendo para a segurança alimentar, a sustentabilidade e o meio ambiente considerando o período 1996 a 2012, a saber:

- Aumento da renda avaliado em US\$117 bilhões, sendo 58% referentes a redução dos custos de produção e 42% devido ao aumento da produção estimado em 377 milhões de toneladas;
- Benefícios ambientais pela redução de aplicação de 497 mil toneladas de ingredientes ativos de agrotóxicos;
- Redução da emissão de CO2 em 27 milhões de toneladas só em 2012, o equivalente a tirar 11 milhões de carros das ruas por um ano;
- O aumento da produção atribuída aos transgênicos, 377 milhões de toneladas, representa que foram poupados 123 milhões de hectares de novas terras de serem colocadas em produção, preservando florestas e a biodiversidade. Considerando que a área ocupada pelas lavouras de verão e de inverno no Brasil somam 53 milhões de ha, em 18 anos a adesão aos transgênicos poupou ao mundo a abertura de novas terras correspondentes a 2,3 vezes a área de lavouras do Brasil.

A adesão dos países europeus

Cinco países da União Europeia plantaram 148 mil hectares de milho transgênico em 2013, 15% a mais que em 2012. A Espanha cultivou 94% da sua área total de milho com variedades transgênicas. Os demais países do continente que aderiram à tecnologia são: Portugal, Romênia, República Tcheca e Eslováquia.

Novidades

O ano de 2013 trouxe os primeiros plantios comerciais de milho transgênico resistente a seca nos Estados Unidos. Foram 50 mil hectares implantados por 2 mil agricultores do Corn Belt, principal região americana produtora de grãos.

Essa tecnologia será adaptada para a África através de projeto de parceria público-privada entre a Monsanto e Basf, financiada pelas fundações Gates e Buffet e implementado pelo Centro para Melhoria do Milho e Trigo do México em conjunto com uma Fundação baseada no Quênia. As primeiras sementes deverão estar disponíveis para plantio em 2017 e ajudarão a solucionar o problema da seca que é o maior obstáculo para a produtividade do milho na África.

Na Indonésia houve aprovação da primeira cana transgênica tolerante à seca, com expectativa de estar à disposição para plantio já em 2014. No Brasil, a Embrapa recebeu aprovação para comercializar as sementes de feijão transgênico resistentes a vírus desenvolvidas pela empresa. A perspectiva é de estarem disponíveis para plantio em 2015. Dentro de cinco a 10 anos, a pesquisa espera disponibilizar tecnologia que permita a economia de até metade do nitrogênio atualmente aplicado às culturas.

O preço da tecnologia

Em 2011 foi realizado estudo que apontou um custo de US\$ 135 milhões para descoberta, desenvolvimento e autorização para uso de um evento numa variedade transgênica. Por outro lado, o valor global das sementes transgênicas em 2013 foi de US\$ 15,6 bilhões, cerca de 35% dos US\$ 45 bilhões do mercado mundial de sementes. *Fonte ISAAA, relatório nº 46.*

Made in Brasil

A grande novidade aguardada para este ano é a entrada no mercado da primeira soja transgênica brasileira, chamada Cultivance, geneticamente modificada para ser resistente a uma classe de herbicidas chamados imidazolinonas. Desenvolvida por meio de uma parceria público-privada entre a Embrapa e a Basf ela foi aprovada para comercialização no Brasil em dezembro de 2009, mas até agora não foi colocada no mercado.

Segundo o pesquisador Elíbio Rech, da Embrapa, a demora deveu-se à espera pela aprovação da Cultivance em outros países - principalmente na China, que a aprovou no ano passado. Agora, só falta a aprovação na Europa, que, segundo Rech, está no estágio final de trâmite burocrático. “Estamos pensando em fazer um pré-lançamento nesta próxima safra”, adianta o pesquisador. Outro produto transgênico da Embrapa já aprovado para uso comercial - uma variedade de feijão resistente ao vírus do mosaico dourado - não tem data prevista para chegar ao mercado.

A superação de Mateus

A história do jovem de Cafelândia que se “enturmou” no JAA



Mateus e o pai Gilberto Lazzarin

Desde sua criação, em 2005, mais de 27 mil jovens agricultores já frequentaram as aulas do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) em Gestão do Agronegócio. Entre eles, o jovem Mateus Fabrício Lazzarin, de Cafelândia (16.020 habitantes IBGE 2013), no Oeste paranaense. A história desse garoto de 18 anos é um exemplo de superação e de vida. Por causa de uma complicação no parto, Mateus perdeu praticamente toda a visão quando nasceu. Apesar disso, ele superou as suas limitações e não só concluiu o JAA, como terminou o segundo grau no ano passado.

O pai Gilberto Lazzarin, produtor e presidente do Sindicato Rural de Cafelândia, conta que o filho ficou oito dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) depois que nasceu. “Depois disso, recebeu alta e o médico falou que ele não iria ter nenhuma sequela”, conta. Porém, os primeiros sinais da deficiência visual começaram a aparecer quando Mateus completou seis meses de idade. No período, Gilberto e a mãe, Kátia Cristina Lazzarin, notaram que o filho tinha dificuldades na hora de sentar. Um mês depois, Mateus teve uma infecção e foi aí que mais problemas começaram a surgir. “A gente consultava

vários médicos e a maioria dizia que ele era normal. Chegamos a um neurologista que diagnosticou uma paralisia no lado esquerdo do cérebro do Mateus e não me esqueço do que ele disse: “Seu filho não vai falar e vai ficar em estado vegetativo”, lembra Gilberto, com lágrima nos olhos. Mateus é o filho do meio do casal, o primogênito Fabiano Henrique tem 23 anos e a caçula Beatriz Cristina, 13 anos.

Nessa época, os pais vieram a Curitiba em busca de tratamento médico com diversos especialistas. Entre uma consulta e outra, os médicos foram trabalhando e desenvolvendo o tato de Mateus até os cinco anos de idade. Nesse período, Gilberto revela que durante uma visita à fazenda no confinamento dos bois, Mateus comentou que os animais estavam mais magros. “Foi aí que tivemos a certeza de que ele não era completamente cego. E começamos a trabalhar o visual”.

Desde então, a visão passou a ser estimulada através das cores e caixas de luzes. Sem contar que a rotina de Mateus se resumia a uma agenda apertada com idas constantes a especialistas.

Gilberto não se esquece que numa das visitas



Mateus e a turma do JAA durante uma atividade em uma propriedade

acompanhando Mateus, uma psicopedagoga o chamou de analfabeto pelo fato dele trabalhar na área agrícola e não ter ensino superior. Diante disso e para oferecer um tratamento melhor ao filho, ele e a esposa foram cursar Pedagogia, em Cascavel. “Trabalhei na área durante cinco anos e até fiz um MBA em Gestão de Negócios. E a Kátia se tornou terapeuta e ainda trabalha na área”.

de um grupo”. A instrutora Giane Dranka Mori, de Cascavel, conta que Mateus apenas faltou uma aula durante o curso, quando o seu avô faleceu. “Ele sempre foi muito dedicado e aplicado. É super comunicativo”, avalia. Mateus é o braço direito do pai e acompanha tudo o que acontece na propriedade. “Ele dá palpite em tudo”, resume Gilberto. O próximo desafio é entrar na universidade: “Vou fazer engenharia mecânica ou medicina veterinária”, diz.

Educação

Mesmo com todas as dificuldades, Mateus conseguiu estudar em escolas de ensino regular. O que realmente não foi nada fácil. Devido à sua deficiência, sempre foi excluído pela maioria dos colegas em sala de aula. E foi no JAA que ele sentiu, pela primeira vez, que fazia parte da turma. Por telefone, com uma voz igual ao do pai, ele conta ao BI a sua experiência ao longo das 144 horas do curso: “Todo mundo me ajudou e pela primeira vez me senti dentro

Números

Com uma carga horária de 144 horas, o objetivo do JAA é informar aos jovens rurais sobre suas oportunidades no campo, qualificando-os profissionalmente, despertando uma visão empresarial e capacidade empreendedora. Ao longo do ano passado, 3.654 jovens concluíram o curso. Para mais informações procure o Sindicato Rural de sua comunidade.



A instrutora Giane Dranka Mori



Cuba, o inferno no paraíso.

A ditadura foi instalada em Cuba em 1959. Completa, portanto, 55 anos, tendo Fidel Castro à frente por 49 anos e desde 2008 seu irmão Raul Castro.



O jornalista Juremir Machado Silva, colunista do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, fez parte da comitiva do governador Tarso Genro (RS), que no final do ano passado esteve em Cuba. O objetivo do governador e comitiva era oferecer máquinas agrícolas fabricadas no Rio Grande do Sul, financiadas pelo BNDES. Ao retornar publicou este artigo no jornal onde trabalha.

Tentei, pela milésima vez, aderir ao Comunismo. Usei todos os chavões que conhecia, para justificar o projeto cubano. Não deu certo. Depois de 11 dias na ilha de Fidel Castro, entreguei, de novo, os pontos.

O problema do socialismo é, sempre, o real. Está certo que as utopias são virtuais; o lugar, não. Mas, tanto problema com a realidade inviabiliza qualquer adesão. Volto chocado: Cuba é uma favela no paraíso caribenho. Não fiquei trancado no mundo cinco estrelas do Hotel Habana Libre. Fui para a rua. Vi, ouvi e me

estarreci. Em 42 anos, Fidel construiu o inferno ao alcance de todos.

Em Cuba, até os médicos são miseráveis. Ninguém pode queixar-se de discriminação. É, ainda, pior. Os cubanos gostam de uma fórmula cristalina: 'Cuba tem 11 milhões de habitantes e 5 milhões de policiais'. Um policial pode ganhar, até, quatro vezes mais do que um médico, cujo salário anda em torno de 15 dólares mensais.

José, professor de História e Marcela, sua companheira, moram num cortiço, no Centro de Havana, com mais dez pessoas (em outros, chega a trinta). Não há mais água encanada. Calorosos e necessitados de tudo, querem ser ouvidos.

José tem o dom da síntese: "Cuba é uma prisão, um cárcere especial. Aqui, já se nasce prisioneiro. E a pena é perpétua. Não podemos viajar e somos vigiados, em permanência. Tenho uma vida tripla: nas aulas, minto para os alunos. Faço a apologia da revolução. Fora, sei que vivo um pesadelo. Alívio é arranjar dólares com turistas".

José e Marcela, Ariel e Julia, Paco e Adelaida, entre tantos com quem falamos, pedem tudo: sabão, roupas, livros, dinheiro, papel higiênico, absorventes. Como não podem entrar, sozinhos, nos hotéis de luxo que dominam Havana, quando convidados por turistas, não perdem tempo: enchem os bolsos de envelopes de açúcar.

O sistema de livreta, pelo qual os cubanos recebem do governo uma espécie de cesta básica, garante comida, para uma semana. Depois, cada um que se vire. Carne é um produto impensável.

José e Marcela, ainda assim, quiseram mostrar a casa e servir um almoço de domingo: arroz, feijão e alguns pedaços de fígado de boi. Uma festa. Culpa do embargo norte-americano? Resultado da queda do Leste Europeu? José não vacila: “Para quem tem dólares, não há embargo. A crise do Leste trouxe um agravamento da situação econômica. Mas, se Cuba é uma ditadura, isso nada tem a ver com o bloqueio”.

Cuba tem quatro classes sociais: os altos funcionários do Estado, confortavelmente instalados em Miramar; os militares e os policiais; os empregados de hotel (que recebem gorjetas em dólar); e o povo.

“Para ter um emprego num hotel, é preciso ser filho de papai, ser protegido de um grande, ter influência”, explica Ricardo, engenheiro que virou mecânico e gostaria de ser mensageiro nos hotéis luxuosos de redes internacionais.

Certa noite, numa roda de novos amigos, brinco que quando visito um país problemático, o regime cai, logo depois da minha saída. Respondem em uníssono:

‘Vamos te expulsar daqui agora mesmo’.

Pergunto: por que não se rebelam, não protestam, não matam Fidel? Explicam que foram educados para o medo, vivem num Estado totalitário, não têm um líder de oposição e não saberiam atacar com pedras, à moda palestina.

Prometem, no embalado das piadas, substituir todas as fotos de Che Guevara espalhadas pela ilha, por uma minha, se eu assassinar Fidel para eles.

Quero explicações, definições, mais luz. Resumem: “Cuba é uma ditadura”. Peço demonstrações. “Aqui, não existem eleições. A democracia participativa, direta, popular, é um fachada para a manipulação. Não temos campanhas eleitorais, só temos um partido, um jornal, dois canais de televisão, de propaganda, e, se fizéssemos um discurso, em praça pública para criticar o governo, seríamos presos, na hora”.

Ricardo Alarcón aparece, na televisão, para dizer que o sistema eleitoral de Cuba é o mais democrático do mundo. Os telespectadores riem: “É o braço direito da ditadura. O partido indica o candidato a delegado de um distrito; cabe aos moradores do lugar confirmá-lo; a partir daí, o povo não interfere em mais nada. Os delegados confirmam os deputados; estes, o Conselho

de Estado; que consagra Fidel”.

Mas, e a educação e a saúde para todos? Ariel explica: “Temos alfabetização e profissionalização, para todos; não, educação. Somos formados, para ler a versão oficial; não, para a liberdade. A educação só existe, para a consciência crítica, à qual não temos direito. O sistema de saúde é bom e garante que vivamos mais tempo para a submissão”.

José mostra-me as prostitutas, dá os preços e diz que ninguém as condena: “Estão ajudando as famílias a sobreviver”. Por uma de 15 anos, estudante e bonita, 80 dólares. Quatro velhas negras olham uma televisão em preto e branco, cuja imagem não se fixa. Tentam ver “Força de um Desejo”.

Uma delas justifica: “Só temos a macumba (santería) e as novelas, como alento. Fidel já nos tirou tudo. Tomara que nos deixe as novelas brasileiras”. Antes da partida, José exige que eu me comprometa a ter coragem de, ao chegar ao Brasil, contar a verdade que me ensinaram: em Cuba só há “rumvoltados”. E, ainda, existem brasileiros que defendem isso e querem e desejam isso, para o Brasil!



À Cuba, com carinho!

O governo Dilma, via BNDES, emprestou cerca de R\$ 1,6 bilhão (US\$ 682 milhões), para a construção do Porto de Mariel, em Cuba, num contrato que será mantido em segredo até 2027. O site Contas Abertas verificou que o montante aplicado pelo governo Dilma nos portos brasileiros equivale a apenas 29,4% do que foi enviado para financiar a construção do porto cubano. Ao inaugurar o terminal em janeiro passado, Dilma disse que “o Brasil quer se tornar parceiro de primeira ordem de Cuba”. “Esses são recursos que pertencem aos trabalhadores brasileiros. E nós sabemos que esse dinheiro não vai voltar e pode ocorrer o perdão como aconteceu com as dívidas de ditaduras africanas com o Brasil”, disse o senador Álvaro Dias.

Tire isso da cabeça

Os riscos do plantio de soja sobre soja



As boas cotações da soja podem atrair o produtor rural para o cultivo de duas safras do grão – a de verão e a safrinha, embora os especialistas sejam unânimes em afirmar que essa prática é uma miragem. No Paraná, porém, o Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura (Deral/Seab) registrou um aumento de 25% da área plantada entre as safras 2012/13 e 2013/14.

“Essa prática não é sustentável, pois o produtor perde a oportunidade de quebrar o ciclo dos fungos, doenças e pragas, além de não produzir uma palhada satisfatória no solo. Quando ele faz essa escolha coloca em risco a cultura de verão que é onde ele ganha dinheiro, pois as pragas ficam mais resistentes e existe a possibilidade de ter que aumentar o número de aplicações de defensivos”, afirma a pesquisadora da Unidade da Embrapa Soja de Londrina, Divania de Lima.

No curto prazo o produtor pode até conseguir um retorno financeiro maior, mas vai colocar em prática um manejo arriscado que deixará o solo enfraquecido e suscetível às doenças. “O ideal é

que o produtor alterne o cultivo de uma planta de folha larga (soja/feijão) em seguida uma gramínea”, completa.

Ela explica que o plantio de soja sobre soja cria um ambiente favorável à disseminação das doenças mais temidas pelos sojicultores como a ferrugem asiática, que ataca a planta e causa o desfolhamento e perdas significativas na produtividade.

O produtor rural Oteniel Garcia, 58 anos, de Astorga, Norte do Estado, costuma definir essa prática com uma palavra: “Suicídio. Quem adota essa prática pode ter muitos prejuízos. Na minha região o clima é muito quente e temos que deixar o solo com o máximo de matéria orgânica para conservar o solo e a umidade”, constata.

Ele conta que sempre plantou soja, milho e uma forrageira (capim) ou soja/trigo/forrageira na propriedade de 133 hectares. “Tem muita pesquisa sobre a importância da rotação de cultura por isso eu faço há mais de 30 anos. Temos esse lema há décadas. Não posso correr o risco de perder uma safra ou parte da minha produção”, finaliza.

Produtividade

A Embrapa Soja Londrina iniciou há dois anos um estudo sobre este sistema de produção (soja sobre soja) para avaliar a rentabilidade e a produtividade. O trabalho está sendo coordenado pelos pesquisadores Julio Fantini e Henrique Dibiasi. Para a divulgação dos primeiros resultados será necessário pelo menos mais um ano de estudo.

Na primeira safra de soja a rentabilidade média do produtor paranaense é de 3.300 quilos por hectares. Na safrinha ela cai para menos da metade 1.600 quilos/ha, os dados são do Deral/Seab da safra 2012/2013.

“O produtor assume o risco de produzir uma cultura que é de verão em uma época não apropriada, baseado na questão econômica. Mas cabe aos profissionais que dão assistência técnica, as cooperativas e as instituições do meio como a FAEP alertarem o produtor rural”, comenta a engenheira agrônoma e técnica do Deral, Juliana Yagushi.

Juliana lembra aos produtores rurais sobre a importância

de se respeitar o vazio sanitário, que acontece no Paraná de 15 de junho a 15 de setembro. O vazio sanitário é uma estratégia de manejo para reduzir a presença do fungo *Phakopsora pachyrhizi*, causador da ferrugem da soja.

No Paraná a área destinada ao plantio de soja é de 4,8 milhões de hectares o que corresponde a 84% da área total de grãos na safra de verão. Em relação ao plantio da soja safrinha a área cultivada na temporada 2012/13 foi de 80.887 ha.

Doenças, fungos e pragas que atingem a cultura da soja

Doenças – ferrugem asiática; mofo branco; cercóspora; nematoides de galha e cisto.

Pragas - percevejos verde e marrom; lagartas, entre elas a helicoverpa.

Copa do Mundo

“Pra argentino nenhum botar defeito”

“Eu quero dizer a vocês: estejam certos de que o Brasil saberá, orgulhosamente, fazer a sua lição de casa, realizar uma Copa do Mundo para argentino nenhum colocar defeito”.

(Do então presidente Lula em 31.10.2007 na cerimônia de anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, em Zurique, Suíça)

Não são os argentinos, mas os brasileiros que questionam os custos da realização da Copa do Mundo no Brasil. Superfaturamentos, gastos que deveriam ser feitos em saúde e educação, atrasos sistemáticos de obras, exigências absurdas da Fifa compõem o rol de críticas.

Os últimos números sobre a Copa somaram gastos de R\$ 25,6 bilhões. Para a Olimpíada de 2016, foi previsto um orçamento de US\$ 14,4 bilhões (34,5 bilhões no câmbio atual), segundo o documento de candidatura, com valores de 2009.

O custo dos estádios para a Copa do Mundo já supera em mais de três vezes o valor informado pela CBF à Fifa quando o

Brasil apresentou seu projeto para sediar o Mundial. Cópia do primeiro levantamento técnico da Fifa sobre o País, fechado em 30 de outubro de 2007 e obtido pelo jornal “O Estado de S. Paulo”, informava que as arenas custariam US\$ 1,1 bilhão, cerca de R\$ 2 6 bilhões. A última estimativa oficial, porém, dá conta de que o valor chegará a R\$ 8,9 bilhões. Na época, a Fifa considerou que o orçamento havia sido “bem preparado” e que “não havia dúvidas” sobre o compromisso do Brasil de atender às exigências da entidade.



Itaquerao: Estádio do Corinthians

Novilhas e bezerras na agenda do Simpósio Internacional Leite Integral



4º SIMPÓSIO INTERNACIONAL LEITE INTEGRAL

Nos dias 26 e 27 de março, Curitiba vai sediar o 4º Simpósio Internacional Leite Integral, no Expo Unimed (*). O diferencial deste Simpósio é a abordagem de temas específicos, que permitem maior aprofundamento técnico dos participantes. Este ano o tema é a Criação de Novilhas e Bezerras. O evento reunirá os maiores especialistas nacionais e internacionais em criação de animais jovens e tem o apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR para a capacitação dos produtores de leite.

O público alvo do evento são produtores de leite, médicos veterinários, zootecnistas, agrônomos, pesquisadores e estudantes. Além do Simpósio também será realizado um curso pré-simpósio com o Dr. James Drackley da University of Illinois dos EUA, no dia 25/03, onde serão abordados todos os aspectos da criação de bezerras do nascimento aos quatro meses de idade.

No dia 28/03 os participantes poderão fazer um tour por três fazendas produtoras de leite com alto nível de tecnificação nas regiões de Castro, Carambeí e Witmarsum. O número de vagas para essas visitas são limitadas e as reservas podem ser feitas diretamente

no site do evento: <http://www.simposioleiteintegral.com.br/tour>

O Leite Integral é um evento idealizado pela Revista Leite Integral, gerenciada pelo MilkPoint, que já é referência para o setor. Este será o primeiro ano que o simpósio acontecerá fora de Belo Horizonte (MG). Nas edições anteriores foram abordados: 2011 – Bezerras e novilhas; 2012 – Comportamento, bem-estar e imunidade em rebanhos leiteiros e 2013 Manejo em rebanhos leiteiros.

Confira a programação completa do evento:

Simpósio - 26/03

7h - 9h | Entrega de material e café de boas-vindas

9h - 9h30 | Abertura

9h30 - 12h | Palestra Magna: O que mudou na criação de bezerras e novilhas nos últimos 20 anos? James Drackley, University of Illinois, EUA

12h - 14h | Almoço

14h - 14h15 | Espaço Empresarial 1

14h15 - 15h45 | Desenvolvimento e efeitos da nutrição no sistema imune de bezerras - Mike Ballou, Texas Tech University, EUA

15h45 - 16h15 | MilkBreak

16h15 - 16h30 | Espaço Empresarial 2

16h30 - 18h00 | Colostro - como aumentar a transferência de anticorpos para as bezerras - Peter Erickson, University New

Simpósio - 27/03

8h - 9h30 | Bezerras em fase de aleitamento precisam consumir forragem? Marta Terré - Department of Ruminant Production, Institut de Recercai Tecnologia Agroalimentàries (IRTA), Caldes de Montbui, Espanha

9h30 - 10h | MilkBreak

10h00 - 10h15 | Espaço Empresarial 3

10h15 - 12h15 | Principais doenças que acometem bezerras e novilhas no Brasil - Elias Jorge Facury Filho, EV-UFMG, Brasil

12h15 - 14h | Almoço

14h00 - 15h30 | Nutrição e desenvolvimento da glândula mamária - Kristy Daniels, The Ohio State University, EUA

15h30 - 16h | MilkBreak

16h00 - 16h15 | Espaço Empresarial 4

16h15 - 17h45 | Sistemas de criação de bezerras - conforto e bem-estar - Sandra Gesteira Coelho, Escola de Veterinária da UFMG

17h45 - 18h45 | Mesa Redonda: Sistemas de criação de bezerras e novilhas no Brasil

- Bezerreiro Tropical - Maurício Silveira Coelho - Faz. Santa Luzia, Passos/MG
- Alimentador automático - Hans Jan Groenwold - Fazenda Fini - Castro/PR
- Terceirização da criação - Henrique Costales - Castrolanda - Castro/PR

Todas as palestras terão tradução simultânea do Inglês para o Português e do Português para o Inglês.

(*) Serviço

Evento: 4º Simpósio Internacional Leite Integral
Local: Expo Unimed: (41) 3317-3107 e 3317-3497
Data: 26 e 27 de março
Rua Professor Pedro Viriato Parigot de Souza, 5300,
Curitiba - PR
Para mais informações ligue para (19)3432-2199
ou escreva para contato@agripoint.com.br

Registro

Americanos na FAEP



Havia um sorriso maroto no grupo de 10 americanos que visitou a sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, no último dia 18 de fevereiro, em Curitiba. Os produtores de grãos e de leite dos Estados

do Texas, Illinois e Kansas, ficaram surpresos com o tamanho da produção agrícola brasileira, mas o sorriso se explicava com a expressão: “pena que a logística e a infraestrutura não ajudam”. Ou seja, para assustar a concorrência há que se solucionar o que acontece fora das porteiras.

Na avaliação do produtor de leite e milho Jack Hamm, de Lodi, na Califórnia, a infraestrutura de lá é bem diferente da que tem por aqui. “Vocês estão aumentando a produção de grãos, mas não têm boas estradas, portos e ferrovias”, disse. Ele conta que, nesse momento, a maior dificuldade dos produtores da sua região é o clima e nesta época a estiagem. “A estiagem está ocorrendo de uma forma mais severa em relação a anos anteriores. Certamente vamos ter quebra de produtividade na safra de grãos”. A agenda da turma previa visitas à Colônia Witmarsum, Tibagi, Tamarana, Londrina, Campo Mourão, Céu Azul e Foz do Iguaçu, onde irão visitar propriedades, conhecer o agronegócio paranaense e obviamente as Cataratas do Iguaçu, com ou sem água.

Os prejuízos causados pelas Capivaras

Por Katia Santos



Gradativamente aumentam as reclamações de produtores rurais que tiveram suas lavouras de milho e soja atacadas por capivaras. A proximidade com represas ou cursos d'água, como ocorre no norte pioneiro e na região de Cornélio Procópio, por exemplo. O presidente do Sindicato Rural de Cornélio Procópio, Floriano José Leite Ribeiro, contabiliza cerca de 200 reclamações nos últimos anos.

A legislação ambiental impede qualquer ação de controle mais radical sobre as capivaras. Elas vivem em manadas e tem hábitos noturnos, quando saem em busca de comida. Em terra são lentas, não costumam se afastar da proximidade dos rios ou lagos e são exímias nadadoras. A fêmea, geralmente, dá duas crias por ano, com a média de quatro filhotes em cada gestação (esse número pode variar de 1 a 8 filhotes).

No final de janeiro passado, em busca de alternativas para os produtores atingidos pela ação do roedor, o sindicato rural e o gerente regional do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) em Cornélio Procópio, Devanil José Bonni, definiram buscar uma solução conjunta, se necessário com apoio dos técnicos da sede do IAP em Curitiba.

Ao contrário dos javaporcos, um animal exótico, cujos critérios de abate foram fixados pelo Ibama, as capivaras são nativas e o controle exige um processo longo. “Temos que analisar com muita cautela as alternativas, pois as capivaras não podem ser levadas para as Unidades de Preservação para não causar impacto ambiental”, diz Bonni.

Outra ameaça das capivaras à região é a contaminação por suas fezes em uma nascente do córrego Arara, que abastece o município de Santa Mariana, (*IBGE 12,5 mil habitantes). “O IAP vai realizar análises laboratoriais da água da nascente para investigar essa possibilidade. Recebemos uma oferta da prefeitura de Bandeirantes para realizar os exames e faremos exames da água também via Sanepar”, finalizou Bonni.

A atribuição de controle da fauna foi repassada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) através da Lei Complementar nº 140, em 2011, aos Estados. A lei definiu que essa cessão aconteceria mediante um Termo de Cooperação entre o Ibama e os órgãos ambientais. No caso do Paraná é o IAP já assinou.

Prejuízos constantes

Os relatos e queixas que o Sindicato Rural de Cornélio Procópio vem recebendo ao longo dos anos são inúmeros. Um deles é a do gerente de uma propriedade de 2.420 hectares onde são cultivados grãos, Helio Feracin. “Os prejuízos vem se sucedendo há dez anos. Em reais contabilizamos perdas de R\$ 200 mil nos anos de 2011/2012/2013 de soja e milho em valores variáveis nas propriedades atingidas e infelizmente só nos resta registrar os prejuízos”, comenta.

Além da perda nas lavouras, Feracin aponta outro custo - o da prevenção aos funcionários. “Temos que manter uma vigilância constante tanto dos animais que são usados para o trabalho na propriedade como dos nossos funcionários que lidam com esses animais. É mais um custo ao produtor rural”, completa. Outro produtor que já chegou a perder 36 hectares de lavoura de milho em uma safra com a invasão das capivaras é Wilson Costa. “Há dez anos venho contabilizando minhas perdas que aumentam todos os anos, porque os animais se reproduzem. Vamos ver se conseguimos avançar com a proposta do IAP”, diz.

Só em 2013, na safrinha de milho Wilson Costa perdeu 2,5 mil sacas de milho o que na cotação da época representou um prejuízo de R\$ 42 mil reais. A propriedade de Costa tem 420 hectares e faz limite com o parque Estadual Mata São Francisco.

Questão sanitária

O biólogo Luiz Roberto Francisco, da empresa Zootec, que elabora projetos e soluções ambientais, enumera as passos que devem ser seguidos que para remoção dos animais. “Primeiro é preciso fazer um diagnóstico da situação se possível em parceria com um órgão ambiental. Em seguida devemos alinhar uma série

alternativas e soluções que variam desde a captura, transferência, translocação e até mesmo a castração das famílias”.

Em seguida é elaborado um plano de ação junto com as autoridades ambientais e só depois desse aval é possível colocar as ações em prática. “A capivara pode se transformar em uma praga, pois a espécie praticamente não tem inimigos naturais e sua reprodução acontece duas vezes por ano. Por ser protegido por lei é muito difícil reduzir o número de animais”, completa.

Febre maculosa

As autoridades de saúde do Paraná não afirmam que o aumento da população de capivaras na região Norte do Estado está relacionada com o surgimento e registro de casos da Febre Maculosa.

As capivaras, porém, são hospedeiras do “carrapato estrela” que por sua vez podem portar a bactéria a *Rickettsia rickettsii* (riquétsia), vetor da febre maculosa. Nos últimos anos foram notificados 44 casos suspeitos da doença; 03 foram confirmados e 02 foram a óbito pelas Regionais 18ª e 19ª da Secretaria Estadual da Saúde (Sesa), em Cornélio Procópio e Jacarezinho.

Os sintomas da febre maculosa são febre alta, dores no corpo e manchas nas extremidades do corpo, e em 70% dos casos, a partir do terceiro dia após a infecção, pode haver necrose das extremidades. O professor Marcelo Bahia Labruna, da Universidade de São Paulo (USP) coordenou uma ampla pesquisa no Estado, em 2008 com o tema “Avaliação do papel das capivaras, gambás e cães domésticos na epidemiologia da febre maculosa”. O pesquisador afirma que a única forma de controlar a contaminação pela bactéria *Rickettsia rickettsii* é o controle do carrapato estrela.



Simple, prática e barata

A compostagem 100% vegetal, segundo o pesquisador da Embrapa



A partir da dificuldade de produtores de hortaliças (convencional e orgânica) e fruticultura em conseguir esterco para produção de adubo vegetal a Embrapa Agrobiologia (RJ) desenvolveu uma técnica para produção de um composto 100% vegetal com matéria-prima renovável. A pesquisa e desenvolvimento do produto foram feitos pelo engenheiro agrônomo e pesquisador da unidade Embrapa Agrobiologia, Marco Antônio de Almeida Leal. A pesquisa começou em 2002 e foi base para a tese de doutorado do pesquisador.

A técnica é bem simples. O adubo é obtido através da compostagem feita com capim elefante - ou qualquer palha, serragem, aparas de grama ou poda de árvore triturada e torta de mamona, que é um pó. “O produtor rural pode substituir o capim elefante por qualquer material muito rico em carbono e pobre em nitrogênio”.

A mistura é feita na proporção de uma parte de torta de mamona para 50 ou 100 partes de cobertura verde. “O produtor é que escolhe se quer um produto mais concentrado ou mais diluído”, completa o pesquisador.

Leal aponta as vantagens da utilização da torta de mamona em relação ao esterco: “é um produto de fácil manuseio e compra (cerca de R\$10,00 o quilo ou R\$300,00 a tonelada); não tem mau cheiro; tem uma taxa de contaminação biológica ou química baixíssima se comparada ao esterco; é livre de ataque de ratos e outros insetos e tem um período grande de validade para armazenagem”, diz.

Opção de renda

O composto vegetal pode ser utilizado com 60 dias como adubo de cobertura. Com 90 dias em adubação de covas e com 120 dias pode ser usado como base para produção de substrato. Ao final do processo de compostagem vegetal apresenta um teor de Nitrogênio fica em torno de 2%, Potássio 0,8% e Fósforo 0,5%.

Essa técnica oferece também mais uma opção de renda ao produtor rural. Além de usar o composto como adubo na sua propriedade ele pode comercializar o substrato que pode ser usado em vasos de plantas e jardins.

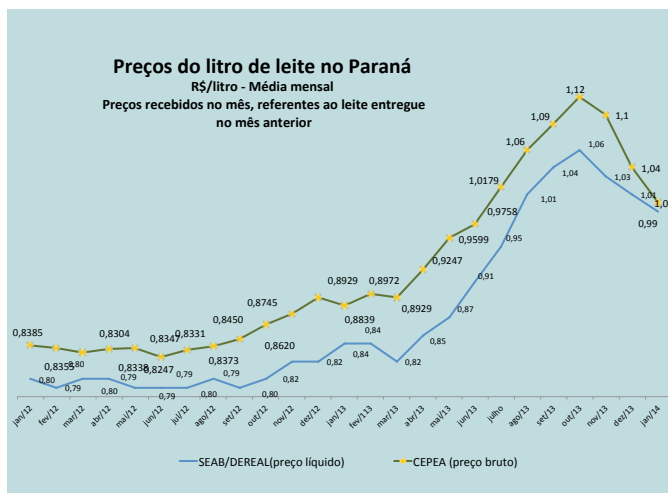
Como fazer:

- Escolhida a cobertura vegetal o produtor define a proporção de 50 por 1 ou 100 por 1.
- O local para preparo deve ser aberto.
- A pilha do composto deve ser feita sob uma lona plástica.
- Espalhar os materiais em uma área de 1 a 2 metros de largura e comprimento pode variar e não influencia o processo.
- Cada pilha deve ter em torno de um metro de altura.
- Cada camada deve ser bem misturada e o produtor deve irrigar a mistura. A umidade do composto deve ser mantida durante todo o processo de compostagem.
- A cada 30 dias o composto deve ser revolvido.

CONSELHO PARITÁRIO PRODUTORES/INDÚSTRIAS DE LEITE DO ESTADO DO PARANÁ – CONSELEITE–PARANÁ

RESOLUÇÃO Nº 02/2014

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 18 de fevereiro de 2014 na sede FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em janeiro de 2014 e a projeção dos valores de referência para o mês de fevereiro de 2014, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes. Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada “Leite CONSELEITE IN62”, que se refere ao leite analisado que contém 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil células somáticas /ml e 600 mil ufc/ml de contagem bacteriana.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2014

Matéria Prima	Valor projetado em janeiro/2014	Valor Final janeiro/2014	Diferença (final-projetado)
Leite CONSELEITE IN62**	0,7816	0,7655	-0,0161

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” corresponde ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA - PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - JANEIRO/2014 E PROJETADOS PARA FEVEREIRO/2014

Matéria Prima - Valores finais	Valor final janeiro/2014	Valor projetado fevereiro/2014	Diferença (projetado-final)
Leite CONSELEITE IN62**	0,7655	0,7436	-0,0219

Observações: (*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite “posto propriedade”, o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural. (**) Os valores de referência para o “Leite CONSELEITE IN62” correspondem ao valor da matéria-prima com 3% de gordura, 2,9% de proteína, 600 mil uc/ml de células somáticas e 600 mil uc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de fevereiro de 2014 é de R\$ 1,5821/litro. Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.sistemafaep.org.br/conseleite

Curitiba, 18 de fevereiro de 2014

WILSON THIESEN Presidente

RONEI VOLPI Vice - Presidente

RONDON



Posse

No dia 31 de janeiro foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Rondon. Foram eleitos: presidente Irmal Aparecido Basso; Benedito Duarte, vice-presidente; Dirceu Borges Monteiro, secretário e Orlando de Paula Junior tesoureiro. Estiveram presentes à solenidade o diretor secretário da FAEP, Livaldo Gemin e o consultor Dalton Rasêra.

CERRO AZUL



Posse

Em 3 de fevereiro foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Cerro Azul. Foram eleitos: Aramis Blatner como presidente; Marta Marcolino Moraes, vice-presidente; Dirço Scheneider, secretário e Ricardo Luiz de Oliveira, tesoureiro.

CAMPINA DA LAGOA



Básico de soja

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e Transformação Caseira de Oleaginosas - Básico em Soja. As aulas aconteceram nos dias 29 e 30 de janeiro para um grupo de 15 participantes com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

PEROBAL



Inclusão Digital

O Sindicato Rural de Perobal ofereceu o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris Rural – Inclusão Digital - nível avançado 40 horas. Participaram 13 produtores rurais. As aulas aconteceram no período de 29 de janeiro a 11 de fevereiro. O instrutor foi Clóvis Palози.

PIRAÍ DO SUL



Segurança no Trabalho

O Sindicato Rural de Piraí do Sul realizou nos dias 10 e 11 de fevereiro o curso de Trabalhador na Segurança do Trabalho Primeiros Socorros, com a instrutora Martilla Galves. Participaram 15 produtores e trabalhadores rurais.

STA CRUZ DE M. CASTELO



Posse

Foi empossada em 31 de janeiro a diretoria eleita do Sindicato Rural de Santa Cruz de Monte Castelo. Odair Galhardo foi eleito presidente; Sidnei Edson Matheus, vice-presidente; Romeu Cesar Mascarello, secretário e Ailton José Mendonça tesoureiro. Participaram da solenidade o prefeito José Maria Fernandes, o presidente da Câmara dos Vereadores Rafael Guerreiro; representando a FAEP o vice-presidente Ivo Pierin Junior, também ex-presidente do Nurespar e presidente do Sindicato Rural de Paranavá, e Guerino Guandalini vice-presidente da FAEP e presidente do Sindicato Rural de Astorga.

SANTA IZABEL DO OESTE



Colhedoras

Nos dias 3 e 4 de fevereiro foi realizado no município de Santa Izabel do Oeste, em parceria com a Secretaria de Agricultura, o curso de Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes - regulagem de colhedoras automotrizes - intermediário, com o instrutor Edson Zucchi. Os 12 produtores participantes estão inscritos no Concurso de redução de perdas na colheita da soja.

UBIRATÃ



Gestão rural

O Sindicato Rural de Ubiratã ofereceu nos dias 27 a 31 de janeiro o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris - gestão rural. Participaram 14 produtores, produtoras e filhos de produtores rurais. O instrutor do grupo foi Wanderley de Oliveira.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

O maior

O maior navio cargueiro do mundo é o Triple e seu nome vem de uma menção a três conceitos: “energy, efficiency e environmental protection” (energia, eficiência e proteção ambiental). Possui 400 metros de comprimento, 59 metros de largura e 73 metros de altura. Todo esse tamanho permite que o Triple-E carregue até 165 mil toneladas ou 18 mil containers e sua velocidade é de (no máximo 42 km/h). Atracar em portos brasileiros? Nem pensar.



Bandeirão

A Bandeira do Brasil é uma das poucas a não possuir as cores preta e vermelha que por tradição são associadas às batalhas e ao sangue. É a única que tem por predominância as cores verde e amarelo, a ter uma constelação representada em sua imagem e um lema escrito em seu corpo (Ordem e Progresso).

O Infarto

Após muitos anos de casamento o casal decide comprar um barco para comemorar. Todos os finais de semana, iam para a praia e passavam o dia todo em alto mar. Um dia, o marido começa a pensar na possibilidade de acontecer algum problema e resolve treinar a mulher.

— Meu bem, vamos fingir que estou passando mal, tendo um infarto, por exemplo. Você pega o leme e vê se consegue levar o barco de volta até o porto.

O sujeito deita-se no convés e, para sua surpresa, a mulher consegue manobrar o barco e pilotá-lo direitinho até chegarem em terra firme. Naquela mesma noite, chegam em casa, o marido liga a TV e se estatelou no sofá.

— Querido — sugere a mulher. — Vamos fingir que estou tendo um infarto. Vá até a cozinha e veja se você consegue preparar o jantar!



Haja bacalhau

O consumo de bacalhau é maior na Páscoa, porque os portugueses seguiam as regras da Igreja Católica de não comer carnes “quentes” (as carnes vermelhas) durante os dias santificados como a Sexta-feira Santa. Estima-se que o Brasil consome 30% do bacalhau pescado na Noruega. Em quilos isso dá 18 mil toneladas por ano.

Pão e bier

No Egito antigo, o pão e a cerveja serviam para pagar salários. Um dia de trabalho valia três pães e dois vasos grandes de cerveja. Se estivesse valendo hoje em dia, muita gente dispensaria os pães.



Novelo burocrático

O que não falta por aqui são leis. Um levantamento de 2011, do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) indicava haver no Brasil 155.954 normas federais criadas apenas no período a partir de 1988, quando foi promulgada a atual Constituição. Dava uma incrível média de 19 novas regras por dia. Se a média foi mantida deve-se somar mais 13.870 normas de 2012 e 2013 e estamos com 169.824 regras. Só.



Sobre celulares

A primeira chamada de um telefone móvel para um fixo foi feita pela empresa Motorola em 1973. Os primeiros modelos pesavam cerca de 1 Kg e tinham 30 cm de altura. Os telefones celulares transformam a voz em sinais elétricos que são enviados para o aparelho receptor como ondas de rádio. O Brasil possui a tarifa mais cara do mundo, 70 vezes mais do que é pago pelos moradores de Hong Kong. Cerca de 42% do valor de uma ligação são encargos e impostos.



Preguinho goleador

O primeiro gol brasileiro da história das Copas do Mundo foi feito pelo jogador Preguinho na Copa de 1930 e foi contra a Iugoslávia. A primeira vitória brasileira em Mundiais foi na Copa de 1930 contra a Bolívia. O Brasil ganhou de 4 x 0.



Secura total

O Deserto do Atacama, no Chile, é considerado o deserto mais árido do mundo. Alguns estudiosos afirmam que ele tenha passado incríveis 571 anos sem ver uma gota de chuva. Nele está o maior número de telescópios do mundo, porque a falta de umidade impede a formação de nuvens, e a altitude favorece o posicionamento dos observatórios.



Saleiro

O maior depósito de sal a céu aberto do mundo é o salar de Uyuni, na Bolívia e fica a 3.800 metros de altitude na Cordilheira dos Andes. Cerca de 25 mil toneladas de sal de cozinha são extraídos por ano do Salar.



Os Silvas, Souzas e Cavalcantis

Silva é o sobrenome mais comum no Brasil, porque além de ser muito comum em Portugal, também foi dado a milhares de escravos trazidos para o país durante o período colonial. O segundo é Souza. E o terceiro mais comum é Cavalcanti - sobrenome de origem italiana e de significado desconhecido. O primeiro Cavalcanti a aportar no Brasil foi um tal de Carlos Augusto Cavalcanti, natural de Florença, no século XVI.

A magia da FUMAÇA

Há 60 anos a Esquadrilha da Força Aérea Brasileira (FAB) cruza os céus e vai usar os chamados A-29, Super-Tucanos

Milhões de brasileiros e milhares de estrangeiros já ficaram olhando para o céu aguardando eles surgirem num barulho ensurdecedor e emocionante. Em 14 de maio de 1954 a Esquadrilha da Fumaça fez sua primeira aparição pública na cidade de Mogi-Mirim/SP, com um North-American T-6, um avião monomotor destinado à instrução e ao treino de pilotos.

Desde que surgiu há 60 anos, seus pilotos já pilotaram o T-6, T-24, T-25 e o último, o Tucano T-27 foi utilizado em mais de 2.300 apresentações desde 1983. Esse avião está sendo substituído pelo chamado Super-Tucano (A-29), com mais maleabilidade, desarmado de canhões e metralhadoras, que atinge a 590 km/h e é usado pela FAB principalmente no controle das fronteiras na Amazônia.

No mundo de hoje em que efeitos especiais transformam shows ou grandes eventos em cenários futuristas, o arrojo dos pilotos da FAB independem desses artifícios. Ali, no comando dos turbojatos, vale o treinamento auxiliado pelos instrumentos de voo. Esses pilotos estão entre os melhores acrobatas aéreos do mundo e em 1996 entraram no Guinness Book, o "livro dos records", ao voar com dez aviões de cabeça para baixo. Em 2002, eles quebraram o próprio recorde ao enfileirar 11 aeronaves de barriga para o ar.

O segredo da fumaça nas aeronaves está num tanque de óleo especial, que passa pelo motor e sai pelo escapamento a

altíssimas temperaturas. Em contato com esse calor, o óleo deixa de ser líquido e vira vapor, dando origem aos traços brancos desenhados no céu.

A finalidade da Esquadrilha é aproximar os meios aeronáuticos civil e militar, contribuir para a maior integração entre a Aeronáutica e as demais Forças Armadas e marcar a presença da FAB em eventos no Brasil e no exterior. A Esquadrilha está sediada na Academia da Força Aérea, na cidade de Pirassununga, em São Paulo.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br